

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA - CCET
CURSO DE QUÍMICA LICENCIATURA

YONE CORREIA DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCÊNCIA DA DISCIPLINA
CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

São Luís – MA

2018

YONE CORREIA DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCÊNCIA DA DISCIPLINA
CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de monografia
apresentado ao curso de
Química Licenciatura da
Universidade Federal do
Maranhão como requisito
parcial para obtenção do título
de licenciada em Química.

Orientadora: Prof^a. MSc. Francisca Socorro Nascimento Taveira

São Luís – MA

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/ Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

CORREIA DE OLIVEIRA, YONE.

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCÊNCIA DA DISCIPLINA
CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS / YONE
CORREIA DE OLIVEIRA. - 2018.

46 f.

Orientador(a): FRANCISCA SOCORRO NASCIMENTO TAVEIRA.

Monografia (Graduação) - Curso de Química, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino de
Ciências. 3. Formação qualificada. I. NASCIMENTO
TAVEIRA, FRANCISCA SOCORRO. II. Título.

YONE CORREIA DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCÊNCIA DA DISCIPLINA CIÊNCIAS
NATURAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de monografia, apresentado ao curso de Química Licenciatura, como
requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Química.

Aprovado em, 28 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª. MSc. Francisca Socorro Nascimento Taveira
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Orientadora.



Profª. Joselene Ribeiro de Jesus Santos
Universidade Federal do Maranhão - UFMA



Prof. Gilvan de Oliveira Costa Dias
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico este trabalho a meus pais e toda minha família, pois sempre me incentivaram ao alcance desta conquista.

“Não há saber mais ou saber
menos: há saberes diferentes”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter-me dado forças para concluir este trabalho, realização de um sonho.

Agradeço a meus pais Manoel e Maria pela atenção, carinho e inspiração.

Agradeço à minha família pela força e incentivo.

Agradeço à Prof. MSc. Francisca Taveira, pela paciência nessa orientação e por estar sempre disponível a me ajudar.

Ao Igor Carvalho, administrativo da Coordenação de Química, pelo incentivo e pela atenção em todas as vezes que busquei a coordenação. Sempre pronto a ajudar.

Aos meus irmãos Manoel, Elizabeth, William, Lourdes, Lindalva, Wagna, Olga, Waruick, Juscelino e Francisco, que sempre foram fonte de inspiração.

Aos meus sobrinhos Alice, Rodrigo, Valéria, Jacqueline, Suzane, Cleyton, Bruna e Flávio, que veem nos tios, espelho para o progresso na vida.

À minha afilhada Isabele, sempre atenciosa e carinhosa.

Aos meus amigos do trabalho, Marcelo, Erika e Marcos, pela força e apoio.

Aos meus amigos, professores da EJA que muito contribuíram na realização deste trabalho.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a minha formação.

RESUMO

Este estudo é fruto de análise de questionários e de reflexões com professores que desenvolvem a prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos – EJA na disciplina de Ciências nas séries finais do ensino fundamental. Alguns com mais de dez anos de experiência e outros com apenas alguns meses, ou seja, estes em sua maioria não têm a habilitação ou a qualificação especial para esta modalidade. A proposta deste trabalho surgiu ao se observar que existem poucas ofertas de cursos de formação na modalidade EJA e poucas políticas públicas em atenção ao assunto abordado. Os dados analisados foram obtidos através de um questionário contendo quatorze questões aplicados a quatro professores com formação em Química Licenciatura. A partir das contribuições destes professores da EJA, buscou-se analisar as dificuldades encontradas nas aplicações dos conteúdos curriculares, principalmente pela ausência de materiais didáticos específicos. Considerou-se a importância da formação do professor para esta modalidade de ensino, os recursos didáticos utilizados e as dificuldades encontradas pelos alunos em relação aos conteúdos trabalhados e estratégia metodológica para superar essas dificuldades. Examinou-se também a diferença dessa modalidade com o ensino regular, apontando as maiores dificuldades que estes professores enfrentam neste contexto escolar. Os resultados obtidos na pesquisa demonstram a importância das práticas da formação continuada, porém, infelizmente a maioria dos professores entrevistados não se sentem preparados para atuarem na EJA. Verifica-se que não há investimentos por parte das secretarias de educação e também há pouca motivação por parte dos professores.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, formação qualificada, ensino de ciências.

ABSTRACT

This study is the result of the analysis of questionnaires and reflections with teachers who develop pedagogical practice in the Education of Young and Adults - EYA in the discipline of Science in the final years of elementary school. Some with more than ten years of experience and others with only a few months, that is, these mostly do not have university degree or the special qualification for this modality. The proposal of this work arose when it is observed that there are few offers of training courses for the EJA modality and few public policies in attention to the subject addressed. The data analyzed were obtained through a questionnaire containing fourteen questions applied to four teachers with a degree in Chemistry. Based on the contributions of these EYA teachers, it was analyzed the difficulties found in the application of curricular contents, mainly due to the lack of specific didactic materials. It was considered the importance of teacher training for this type of teaching, the didactic resources used and difficulties encountered by the students in relation to the contents worked and methodological strategy to overcome these difficulties. It was also examined the difference between this modality and the regular education, pointing out the greater difficulties that these teachers face in this school context. The results obtained in the research demonstrate the importance of continuing education practices, however, unfortunately most teachers interviewed do not feel prepared to work in the EJA. It is verified that there are no investments by the departments of education and there is also little motivation on the part of the teachers.

Keywords: youth and adult education, qualified training, science education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCE - Diretrizes Curriculares para a Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PROEJA - Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos

SAEJA - Superintendência da Educação de Jovens e Adultos.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

UNESCO – Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Possui formação para trabalhar na EJA?.....	25
Figura 02 - Se sente preparado para trabalhar na EJA?.....	27
Figura 03 - Utiliza o mesmo recurso didático do ensino regular na EJA?.....	32
Figura 04 - Utiliza experimentos de ciências em sala de aula?.....	36

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	13
1.1 A importância da formação continuada na educação de jovens e adultos.....	15
1.2 O ensino de Ciências na educação de jovens e adultos.....	17
2 – OBJETIVOS.....	20
2.1 Objetivo Geral.....	20
2.2 Objetivos Específicos.....	21
3 – JUSTIFICATIVA.....	21
4 – REVISÃO TEÓRICA	22
5 – METODOLOGIA.....	22
5.1 Delimitação do trabalho.....	22
6 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
9 – ANEXO 01.....	46

1 - INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB N 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

A tarefa da Educação de Jovens e Adultos é fazer valer o previsto no artigo 208, inciso I da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos.

A alfabetização de adultos visa promover a conscientização acima de seus problemas do cotidiano, a compreensão do mundo e da realidade social, bem como a sua importância no ensino-aprendizagem.

O método de Alfabetização de Jovens e Adultos de Paulo Freire é um dos grandes referenciais para a educação. Para ele, o educando adulto é tratado como sujeito do próprio conhecimento e não como objeto. Entende que o jovem e o adulto são portadores de um conhecimento que se fundamenta na sua cultura, nas suas experiências.

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (FREIRE, 1979, p.41)

Paulo Freire acreditava que ensinar era como despertar o aluno para ler o mundo. Ou seja, possibilitaria a formação da consciência sobre quem o sujeito é no meio em que ele vive. Para ele, as grandes transformações partem desse princípio. A alfabetização era, para o educador, um modo de os desfavorecidos romperem o

silêncio em que são colocados, podendo ser, então, os protagonistas da própria história. (CALÇABE, 2018)

Mesmo após décadas de sua filosofia para a Educação ser escrita e publicada, o país de Paulo Freire ainda enfrenta índices elevados de analfabetismo entre adultos. De acordo com dados de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem cerca de 11,8 milhões de analfabetos e possui a oitava maior população de adultos analfabetos do mundo, segundo a UNESCO. Isso significa que 7,2% dos brasileiros com 15 anos ou mais de idade não sabem ler e escrever. (CALÇABE, 2018)

Percebe-se que faltam mais políticas públicas para reverter esse índice tão alto. O analfabetismo deve ser seriamente encarado como um problema grave e complexo em nossa sociedade. Deve haver uma mudança de atitudes de todos os lados, tanto dos professores, da comunidade e do governo, pois a escola deve estar voltada para o aluno e não ao contrário.

Os alunos que procuram a EJA para retomar seus estudos são pessoas de classe trabalhadora, vivendo grande parte delas de subemprego ou desempregados. Procuram a escola com a aspiração de galgar melhores possibilidades de emprego, sendo a EJA uma oportunidade para isso. São em grande parte, marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos anteriores, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados.

Quando procuramos pela identidade pedagógica dos cursos de EJA, na maior parte dos casos, nos deparamos com algo muito assemelhado ao antigo Ensino Supletivo: cursos acelerados voltados à reposição dos mesmos conteúdos escolares veiculados no ensino infantojuvenil. O currículo tende a ser pouco significativo e desconectado das necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. Além do risco de infantilização dos estudantes, essa abordagem compensatória ignora a riqueza de saberes das pessoas jovens e adultas, tendendo a vê-las como indivíduos aos quais faltam conhecimentos.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, que ser professor é fácil e qualquer um pode fazer, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, sustentamos que esta profissão é altamente complexa e especializada, não só quanto ao seu saber profissional específico e à forma como é avaliada no seu processo de formação. (ESTRELA, 1997, p. 29)

É bastante comum o professor se sentir despreparado ou inseguro ao ministrar disciplinas para jovens e adultos, esse público em grande maioria, possui opinião formada ou experiência de vida. Muitas vezes os docentes irão se deparar com alunos com mais idade que a sua.

A andragogia, segundo Malcolm Knowles, em seu livro “*O aluno adulto: uma espécie negligenciada*” (1973) é a arte ou ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender, considerando a experiência como fonte mais rica de aprendizagem. Esses adultos são motivados a aprender conforme as experiências vivenciadas, suas necessidades e interesses.

1.1 A importância da formação continuada na educação de jovens e adultos

A formação é importante para qualquer educador, independente de sua atuação: seja na educação infantil, educação fundamental, ensino médio, ensino profissionalizante ou na educação de jovens e adultos. É comum que essa modalidade passe despercebida na graduação. Não há nas universidades formação específica para a EJA, nem nos cursos de Pedagogia, nem nas licenciaturas, com raras exceções. Existem algumas disciplinas eletivas, porém, não há formação específica para a EJA.

Essa falta de oferta é um grave problema no Brasil. Existe a necessidade de se pensar como professor nesta modalidade, por se tratar de metodologias diferentes, ou seja, não é o mesmo que educar uma criança. As abordagens, as estratégias em sala de aula são diferentes e merecem reflexão, merecem leituras.

Diferentemente de outras áreas da Educação Básica, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que, historicamente no Brasil, sempre foi vista como uma prática fragmentada, como um suplemento de programas. Vemos normalmente que o professor completa sua carga horária na EJA sem preparo algum.

Esse fato deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do próprio educador a busca por sua formação por conta de um baixo interesse das secretarias estaduais e municipais de educação nesta modalidade de ensino. Assim, qualquer professor com formação para atuar no Ensino Fundamental e Médio pode ser docente de EJA, mesmo sem cursar disciplinas específicas para esta modalidade. (NUNES, 2000, p.94).

Ressaltamos também que o Currículo da EJA não cabe na vida do adulto, gerando desinteresse do aluno, aumentando a evasão escolar, a diminuição nas matrículas a cada ano por conta de falta de estímulos, fazer da sala de aula um espaço atrativo, este um grande desafio: a volta do adulto para a escola.

A formação do professor de EJA, segundo ARBACHE (2001) deve ter um direcionamento específico no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação e atendimento a esse grupo tão heterogêneo de alunos. Porém, é sabido que a formação inicial, ou seja, a formação acadêmica de graduação do professor para atender a especificidade da EJA é ainda iniciante. Para minimizar essa defasagem, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, levando-os na direção de um trabalho pedagógico mais proveitoso.

Percebe-se que a formação de professores para atuar com esta faixa etária de alunos é recente. Poucos cursos estão criando habilitações ou inserindo disciplinas para tratar sobre o ensino de jovens e adultos, ou ainda programas de pós-graduação em nível de especialização com trabalhos produzidos nessa modalidade. Assim, percebe-se que o educador da EJA adquire seus saberes na prática e na formação continuada, pois, dificilmente, na formação inicial ele teve

oportunidades de aprender e refletir sobre os processos de desenvolvimento do aluno adulto.

A formação de educadores foi um tema amplamente discutido por Paulo Freire. Sua construção sobre esse tema veio de inspirações de sua prática, de diálogos que manteve com educadores ao redor do mundo e de suas convicções sobre a relevância da formação no ato de educar. Em sua proposta político-pedagógica deu grande ênfase à formação permanente dos educadores.

[...] um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 2001, p. 80).

O MEC - Ministério da Educação apresenta em 2007, o PROEJA – Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Este programa tem a proposta de uma política de inclusão social emancipatória. A aspiração é por uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do aluno, onde o caminho escolhido foi a formação profissional aliada à escolarização, tendo uma formação integral, ou formação plena. A formação continuada dos gestores, técnicos e docentes deve ser realizada, objetivando assegurar aos profissionais o aprimoramento para o exercício de suas funções. Cursos em caráter gratuito, de forma presencial, tendo em vista a necessidade do trabalho coletivo. Podendo-se fazer o uso do recurso de educação à distância, desde que não haja descaracterização da modalidade presencial. Esta formação deverá ser permanente e sistemática, enfocando ações de natureza política, técnico-pedagógica e administrativa.

Ser professor significa contribuir para a formação de cidadãos, portanto, o docente faz a diferença:

A figura do professor poderia simbolicamente ser comparada com a de um maestro criativo que exigiria dos componentes da orquestra: organização, iniciativa própria, envolvimento, dedicação e, principalmente, ações coletivas desencadeadas por processos participativos. Sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento (BEHRENS, 1996, p. 64).

"Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1997, 58)

Em vista disto, para atender a formação desse profissional, acreditamos em uma formação continuada que possibilite ao professor uma participação mais ativa no universo da profissão e uma formação potencializadora do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de trabalhar com as transformações que vêm ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade. Para que o profissional esteja preparado para pensar e enfrentar essas situações, a procura por formação deve, ou deveria ser inerente a sua prática. No entanto, esta busca, muitas vezes, não faz parte do cotidiano dos professores e não é incentivada pelas instituições formadoras, nem pelas instituições empregadoras.

1.2 O ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos

Ao ensino da disciplina de Ciências, julga-se necessário adequar os conteúdos à vivência dos jovens e adultos, para a construção de um conhecimento científico que facilite a leitura do mundo por parte destes educandos. Este estudo deve contribuir para que estes alunos possam compreender o mundo em que vivem, conscientizá-los da importância da construção de uma melhor qualidade para a vida. Sabedoria e responsabilidade na tomada de decisões sobre as questões relacionadas à Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, agindo em prol de uma sustentabilidade socioambiental do planeta.

“O ensino de Ciências Naturais para jovens e adultos fundamenta-se nos mesmos objetivos gerais do ensino voltado para crianças e adolescentes, uma vez que a formação para a cidadania constitui meta de todos os segmentos e modalidades da escolaridade”. (Proposta Curricular, V.03, 2002, p.77)

A Ciência é capaz de despertar a curiosidade, desenvolver a capacidade de construção de hipóteses, sobretudo de levar o educando a produzir novas realidades. Acredita-se na importância de atividades extraclasse e sua consequente identificação com a vida cotidiana. Despertar-se no aluno a relação existente entre a Ciência e tudo o que está a sua volta.

O conteúdo de ciências adotado deve estar vinculado ao contexto do aluno, de modo que possibilite ações e transformações de sua realidade de forma mais significativa. Nesta perspectiva as práticas pedagógicas devem se desenvolver dentro da realidade dos alunos, tomando o currículo como base que norteia essas práticas, mas não um fim em si mesmo, de modo que o educador poderá reinventá-lo para melhor atender às necessidades dos sujeitos da aprendizagem.

DRIVER E COLABORADORES (1994) afirma que para concreta aprendizagem de disciplinas das áreas de ciências, o aluno necessita muito mais do que desafiar as suas concepções e ideias anteriores sobre determinado assunto, ou seja, devem ser introduzidos numa forma diferente de pensar sobre o mundo natural e de explicá-lo.

Muitas questões fazem com que reflitamos a respeito do papel do ensino de ciências na vida desses educandos. Além de contribuir para a construção de habilidades, competências, capacidades como: observar, comparar, classificar, perguntar, construir, testar, validar hipóteses, sintetizar e abstrair, quais as outras finalidades pretendidas com o ensino de ciências? Como pensar e realizar esse ensino com pessoas jovens e adultas? Esse é o desafio que nos propomos a pesquisar e debater atualmente, dentro e fora do Programa de Educação de Jovens e Adultos.

“Um ensino de qualidade busca selecionar temas relevantes para os alunos, assuntos ligados ao meio ambiente, à visão do universo, à saúde e à transformação científico-tecnológica do mundo, bem como à compreensão do que são a ciência e a tecnologia. Ao estudar diferentes temas, os alunos precisam ter oportunidades para conhecer as bases lógicas e culturais que apoiam as explicações científicas, bem

como para discutir as implicações éticas e os alcances dessas explicações na formulação de visões de mundo”. (Proposta Curricular, V.03, 2002, p.72)

O foco do trabalho pedagógico do professor faz toda diferença; ele deve preocupar-se com os alunos, para poder tirá-los do lugar comum, independentemente de políticas públicas e programas. Ensinar de maneira crítica depende do preparo e da formação do professor. (Parecer CNE/CEB Nº 11, 2000, p.56)

Observa-se que um dos grandes entraves é que há existência de pouca literatura para o ensino de ciências para a modalidade da EJA. A falta de material didático de referência para o ensino de Ciências torna-se um desafio para qualquer educador.

Observamos com isso que a busca de condições um mínimo adequadas para trabalhar o conteúdo de ciências em um meio onde os indivíduos possuem pouco domínio da leitura e da escrita, torna-se o primeiro passo para o crescimento do indivíduo sem complexos e estigmas desvelados pela própria sociedade capitalista. Os professores munidos de sua criatividade e perseverança devem tentar construir com o aluno da EJA um conhecimento significativo que possibilite o indivíduo transformar a sua realidade.

2 – OBJETIVOS

2.1 – Objetivo Geral

O objetivo desse trabalho é discutir a importância da formação continuada dos profissionais iniciantes ou não que atuam na docência da disciplina Ciências Naturais na Educação de Jovens e Adultos, pois alguns saem da universidade e entram direto em sala de aula, sem participar de qualquer qualificação que o prepare para aquela modalidade.

2.2 – Objetivos Específicos

- Analisar como trabalham os conteúdos curriculares e identificar as principais dificuldades encontradas pelos professores da EJA.
- Verificar a atuação destes professores ao ministrarem a disciplina Ciências Naturais na modalidade EJA.
- Propor que sejam oferecidos cursos de formação continuada aos professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos e que esses cursos sejam de caráter gratuito e anual.
- Relatar sobre as diferenças entre o ensino regular e a EJA.

3 – JUSTIFICATIVA

O presente trabalho pretende apresentar a problemática dos professores de Ciências Naturais na EJA, como são trabalhados seus conteúdos curriculares e as dificuldades encontradas em sala de aula.

A proposta deste trabalho surgiu ao se observar que existem poucas ofertas de cursos de formação na modalidade EJA e poucas políticas públicas em atenção ao assunto abordado. A educação de jovens e adultos não pode cair no esquecimento ou simplesmente deixada de lado. Opondo-se à ideia de que qualquer ensino é suficiente para quem não teve acesso a quase nada. A EJA tem ocupado o último lugar na hierarquia de prioridades, diferente de outras áreas da Educação Básica. Talvez pela pouca procura dos alunos, a cada ano a estatística de matrículas diminuem, principalmente no ensino fundamental. Outro motivo seja a escassez de recursos gerando baixo interesse das secretarias de educação pela modalidade.

4 - REVISÃO TEÓRICA

O estudo está baseado no trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, realizado na Universidade de Brasília no ano de 2012, elaborado por Laís Sonnara Alves Leal, intitulado “O Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Fundamental 04 de Planaltina – DF”.

A pesquisa contará com a utilização de algumas perguntas do questionário aplicado na realização deste trabalho.

5 – METODOLOGIA

5.1 – Delimitação do trabalho

Com o objetivo de analisar alguns aspectos do ensino de ciências na EJA desenvolveu-se uma pesquisa em duas escolas públicas da rede municipal: uma de São Luís – UEB Prof. Nascimento de Moraes e outra de São José de Ribamar, UEB Ribamar Bogéa – Cid. Olímpica. Esta pesquisa foi elaborada com a finalidade de realizar uma reflexão sobre a formação continuada na escola e a construção dos saberes docentes de professores da Educação de Jovens e Adultos. Para a realização desta pesquisa elaborou-se um questionário (Anexo I, p.46) com questões investigativas a respeito da formação pedagógica a quatro docentes com formação em Química Licenciatura que ministram a disciplina de Ciências na modalidade EJA.

Esta pesquisa também foi pautada na abordagem qualitativa procurando compreender o universo particular da educação de jovens e adultos no que se refere ao ensino de ciências. Com os questionários aplicados, se analisou suas experiências na prática docente, contribuições e dificuldades na EJA e quais saberes são necessários à função da docência nesta modalidade.

O questionário foi composto por perguntas descritivas as quais são transcritas a seguir em forma de tópicos e relacionadas às respostas dos docentes entrevistados.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Trajetória docente.

Dos quatro docentes entrevistados, três eram homens e uma mulher. Um docente de 45 anos de idade, com 25 anos de docência, sendo 05 anos na EJA (**Docente 01**). Outro de 38 anos de idade, com tempo de docência de 14 anos, sendo 06 anos na EJA (**Docente 02**). O terceiro docente de 32 anos, com 10 anos de docência, sendo 03 anos na EJA (**Docente 03**). O quarto docente com 41 anos de idade e 16 anos de docência, estando 10 meses na EJA (**Docente 04**).

6.2 Qual a sua visão a respeito da EJA e da docência na mesma?

“A EJA é uma modalidade de ensino criada para atender à necessidade de educação de um público diferenciado, que quase que invariavelmente fica à margem do ensino regular. Por isso, trata-se de uma oferta de ensino indispensável para suprir a carência de aprendizagem de uma demanda social que, geralmente, “corre atrás do prejuízo” daquilo que “deixou pra trás”, por diversas razões sociais”. (Docente 01)

“A EJA deveria ser, primordialmente, um espaço educativo para adultos que não tiveram condições de estudar ou tiveram que interromper os estudos, com alguns poucos jovens que passaram por situações semelhantes. Contudo, hoje, é o retrato do fracasso do ensino nas escolas; está “entulhada” de repetentes do turno regular”. (Docente 2)

“A EJA é uma oportunidade de aprendizado para aquelas pessoas que não conseguiram estudar na educação regular. Porém, a docência é prejudicada pela falta de preparo de muitos professores”. (Docente 03)

“A EJA é uma modalidade de ensino esquecida pelos órgãos públicos, não há incentivo algum e nem preparo para os professores”. (Docente 04)

Apesar das várias propostas existentes no âmbito da educação, os resultados continuam insatisfatórios no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos. Diante disso, fica claro que a ação docente não pode ser reduzida à grade curricular e ao acúmulo de disciplinas, ela deve ser fundamentada em práticas investigativas e criteriosas. Para tanto, a formação continuada de professores é mecanismo primordial e essencial ao desencadeamento de mudança em sua prática.

Os professores atuantes não têm recebido atenção necessária para um bom desempenho de suas atividades, tornam-se desestimulados por falta de um mínimo de condições para ser trabalhar na EJA, que vai além da estrutura física da escola (faltam laboratórios, bibliotecas). Há desânimo evidente em decorrência da desvalorização por parte dos governos e da sociedade. A motivação desse profissional é fundamental no desenvolvimento de um trabalho pedagógico com qualidade.

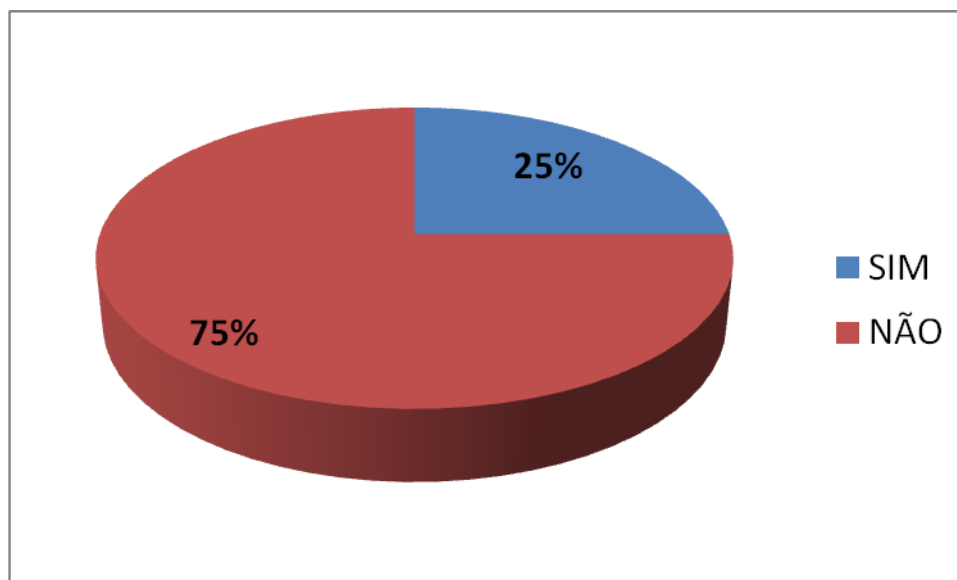
Ao buscarmos retratar as peculiaridades existentes na EJA, esta não deve ser entendida como uma reposição da escolaridade perdida como normalmente se configura os cursos acelerados nos moldes do que tem sido o ensino supletivo. O retorno à escola nesta faixa etária é dificultado pelo sentimento de incapacidade e vergonha, o que dificulta a permanência dos alunos até a conclusão das series finais do ensino médio; uma vez que também exige certa flexibilidade de carga horária já que muitos destes sujeitos necessitam trabalhar para ajudar sua família. (RIBEIRO, 1998)

6.3 Possui alguma formação para trabalhar na EJA?

A formação contínua deve fomentar o desenvolvimento pessoal, intelectual, profissional e institucional dos professores, ela é tão importante e ajuda a assegurar o bom desempenho dos profissionais em sala de aula.

Ao questionarmos a respeito da formação para lecionar para jovens e adultos, somente 01(um) professor respondeu sim, ou seja, apenas 25% possui formação, como mostra a Figura 01 a seguir.

Figura 01 – Possui formação para trabalhar na EJA?



Fonte: elaborada pela autora

A formação de professores para atuar na EJA deve ter em vista uma relação pedagógica de proximidade com os sujeitos, trabalhadores ou não, e deve ter em conta experiências de vida que não podem ser ignoradas. A formação contínua dos docentes dessa modalidade deve, portanto, contribuir para que consigam apropriar-se da riqueza cultural dos estudantes e das potencialidades criativas dos mesmos.

Compreendemos que a formação no campo da EJA é diferenciada das demais modalidades educativas, pois, a formação do educador parte das necessidades de aprendizagens dos educandos jovens e adultos e da realidade vivenciada pelo professor em sala de aula e no ambiente escolar. A questão que se coloca é como tornar o ensino básico para os jovens e adultos mais relevante e atrativo, de modo a reverter a baixa procura, os elevados índices de abandono e o desprestígio da modalidade.

Entende-se que a formação continuada é a etapa de continuação do aperfeiçoamento profissional. Ela é de responsabilidade, tanto das universidades como das secretarias municipais e estaduais de educação, bem como do próprio docente. Além de possibilitar a superação das dificuldades do cotidiano, bem como a reflexão da prática. (FREIRE, 2001, p.32)

6.4 Como se tornou professor (a) da Educação de Jovens e Adultos?

“Passei a ser professor da EJA mediante lotação originária da SEMED – Secretaria Municipal de Educação, depois de ter sido aprovado em concurso público da Rede Municipal de São Luís. A SEMED, por meio da Superintendência da Educação de Jovens e Adultos do Município – SAEJA, oferece algumas formações continuadas aos professores desse segmento educacional, contemplando temas e/ou projetos que julga necessários ou valiosos para a atividade docente”. (Docente 01)

“Passei a ser professor da EJA por relocação da Secretaria de Educação do Município”. (Docente 02)

“Ingressei na secretaria municipal de educação através de concurso público e recebi a proposta de lecionar na EJA”. (Docente 03)

“Passei a lecionar na EJA através de relocação. Era professora do ensino regular, onde ingressei por concurso público”. (Docente 04)

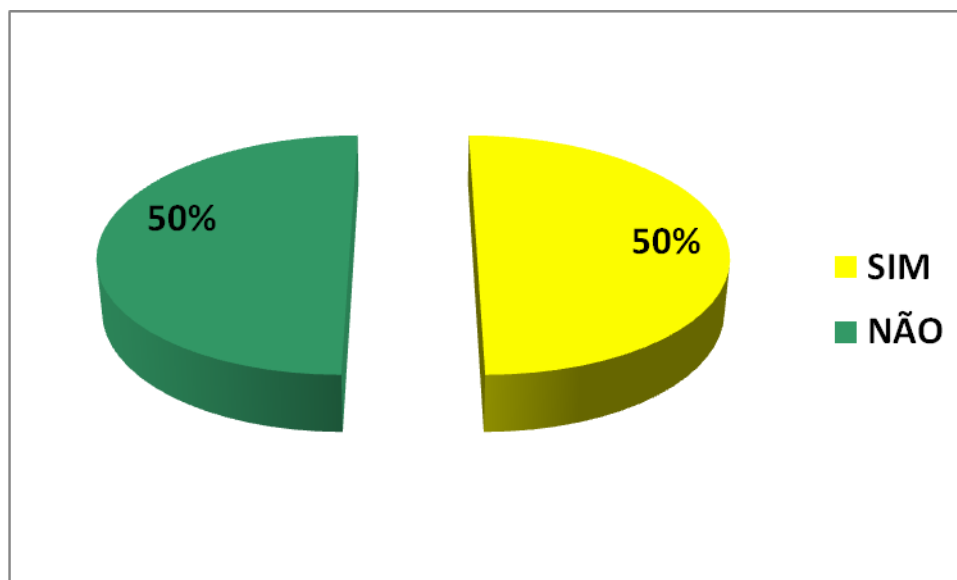
Verificou-se que nenhum dos professores teve a EJA como primeira opção, ou seja, foram levados a essa modalidade por outros motivos. Em razão disso, as dificuldades iniciais são inúmeras, tendo em vista que o professor é visto pelo aluno como um modelo a ser seguido. O ideal seria que o professor tivesse o perfil adequado para trabalhar na EJA, por ser fundamental na importância do ingresso do aluno à sala de aula.

Os cursos de graduação, em sua maioria, não abarcaram em seus currículos componentes que tratam da especificidade da EJA, esses professores de jovens e adultos aprendem a trabalhar na prática, às cegas, por tentativa e erro. Essa aprendizagem ocasiona a chamada edificação de saberes experienciais, que se transforma em certezas profissionais. A pesquisa revela que os saberes dos professores de EJA se baseiam, em boa parte, em sua experiência na profissão e em suas competências e habilidades.

Trabalhar com jovens e adultos é um desafio que exige muita dedicação por parte do educador, pois, trata-se de um universo em que o aluno não está habituado ao ambiente escolar, e desta forma, o professor tem como missão buscar meios de integrá-los tanto à vida educacional como inseri-lo na sociedade.

6.5 Você se sente preparado para atuar na educação de jovens e adultos?

Figura 02 – Se sente preparado para trabalhar na EJA?



Fonte: elaborada pela autora

Conforme podemos observar na Figura 02, somente 02 (dois) professores se sentem preparados para atuar na EJA, ou seja, 50%. Essa perspectiva nos faz refletir, pois o professor bem preparado é peça fundamental para combater o maior problema da EJA: a evasão. Trabalhar nessa modalidade é um grande desafio, há um certo receio. É importante que o professor se sinta seguro em quebrar paradigmas e modificar um pouco a realidade desses sujeitos.

Diante desta realidade, é possível perceber que a história da formação docente tem sido manchada pela: “Desvalorização e desprofissionalização [como] resultados de uma política compensatória em educação, que preconiza custo e tempo menor para a formação dos professores [...]” (BASTOS, 2004, p. 49), especialmente, quando se trata do processo de alfabetização de jovens e adultos.

Sem a devida qualificação, os professores passam a desenvolver a prática pedagógica ignorando as especificidades e peculiaridades dos sujeitos em processo de escolarização. Utilizam metodologias (técnicas, recursos e atividades) sem qualquer significado para os alunos-trabalhadores, desconsiderando o contexto e a historicidade desses sujeitos. Na maioria das vezes, os professores utilizam o

mecanismo da reprodução do seu processo de escolarização para determinar a metodologia de trabalho nas salas de EJA. Não possui os fundamentos que lhes permitam incluir referenciais teórico-metodológicos próprios à área.

Entende-se que as políticas e ações governamentais deveriam garantir a formação básica e continuada de educadores de jovens e adultos. Os currículos dos cursos das Licenciaturas precisam contemplar a formação específica desses profissionais de forma que eles tenham acesso a saberes gerais e específicos numa relação teoria-prática que dê conta das peculiaridades socioculturais e pedagógicas dos jovens e adultos trabalhadores.

6.6 Você considera a formação do professor importante para a prática na Educação de Jovens e Adultos?

“A formação continuada tem o papel de auxiliar o professor na condução da sua atividade docente e despertar no profissional a percepção de aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem que, às vezes, passam despercebidos no dia a dia ou para os quais ainda não foram utilizadas estratégias de ensino que possam resolver ou amenizar os problemas enfrentados. Além da formação continuada, também é importante que o professor invista na sua própria formação acadêmica, buscando ampliar os seus estudos com as pós-graduações: especializações, mestrado e doutorado”. (Docente 01)

“Sim, sem dúvida. É uma clientela diferente, por conta do atraso na aprendizagem e também por conta da variação de faixa etária”. (Docente 02)

“Sim, certamente! Não obtive essa experiência na graduação. O aprendizado veio com a prática em sala de aula. A formação continuada ajudaria bastante”. (Docente 03)

“Sim, muito importante. Nunca fiz nenhum curso de formação prá EJA. Adquiri livros prá me ajudar no desenvolvimento das aulas”. (Docente 04)

Ao refletir sobre a formação do docente para atuar na Educação de Jovens e Adultos, é importante pensar que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com

esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (Parecer CNE/CEB, Nº 11, 2000, p.56).

Nesse sentido, pensar sobre a formação de professores, e mais especificamente os de EJA, é essencial, pois, na medida em que se têm mais professores habilitados para a escolarização de jovens e adultos, mais potencialidade a escola terá de participar de processos de mudança. A formação continuada, sem dúvida, pode ser uma boa saída para superação de possíveis fragilidades e equívocos pedagógicos. Oferecer a esses docentes espaços para que hajam mais reflexões sobre a questão da formação e do desempenho profissional ligados a EJA.

6.7 Como você trabalha os conteúdos curriculares com os alunos da EJA? Há alguma adequação desses conteúdos?

“Dados os poucos recursos didáticos de que dispomos na escola onde trabalho, localizada na zona rural, os conteúdos curriculares são conduzidos, predominantemente, com a exposição oral e anotações no quadro. Algumas vezes, solicitamos trabalhos de pesquisa, apresentação de seminários, e pequenos experimentos realizados em sala de aula. São utilizados materiais fotocopiados, lista de questões, enfim, o professor acaba se “virando nos trinta” para fazer valer as lições e a consequente aprendizagem. Os conteúdos poderão ser adequados a alguma atividade diferenciada ou a algum projeto escolar, de acordo com as oportunidades e conveniências”. (Docente 01)

“Os conteúdos propostos pelo Ministério da Educação são insuficientes para uma boa formação do aluno da EJA. O currículo é baseado na formação político/social do aluno, deixando pouco espaço para os conteúdos pedagógicos”. (Docente 02)

“Trabalho os conteúdos baseando-se ao máximo para a experiência de vida do aluno. Uso também seu conhecimento prévio, fazendo uma relação com o conteúdo abordado”. (Docente 03)

“Os conteúdos são trabalhados com aulas expositivas e dialogadas. Exercícios em sala de aula e atividades extraclasse”. (Docente 04)

“Entende-se o currículo como um conjunto de conteúdos, habilidades, valores selecionados pela escola para serem oferecidos aos alunos e que estão sempre articulados a interesses mais amplos da sociedade”. (HADDAD, 2001, p.207)

Nesses currículos, a atenção acerca de quem é o sujeito/aluno da EJA merece especial atenção, até mesmo como fator para a sua permanência. (PEREZ, SAMPAIO, 2003, p.85).

Vale ressaltar a importância de conhecer melhor a vida dos alunos, sujeitos da aprendizagem, e o conhecimento dessa realidade faz surgir a necessidade de repensar o currículo. Nesse currículo, não basta reconhecer o papel central que os conteúdos desempenham na escola. É preciso analisar de que maneira eles têm sido selecionados e trabalhados, ainda sob quais bases essas escolhas se têm fundamentado.

É destacado o aspecto da infantilização, também presente no currículo, como exemplo de elementos que podem causar dificuldades no processo de formação:

Esse é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA. Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modelos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professor e com a infantilização de pessoa que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereciam maior atenção, são muitos. (OLIVEIRA, 2001, p. 99).

Nota-se que as propostas curriculares destinadas à EJA são organizadas da mesma forma que aquelas destinadas às crianças em geral, desconsiderando experiências, interesses e a heterogeneidade cultural do grupo. A diversidade de uma turma de alunos exige respostas educadoras/ integrativas que perpassam necessariamente o currículo utilizado.

“O educador de jovens e adultos tem de ter uma especial sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa mesma turma poderá encontrar educandos com diferentes bagagens culturais” (Proposta Curricular, 2002, p. 46).

A proposta de trabalho que se faz no documento deixa evidente uma preocupação com a formação e a reafirmação cultural dos alunos da EJA, de modo que, por diversas vezes, ressalta a importância de trabalhá-la, inclusive nas aulas de Ciências Naturais, de forma integrada à formação científica e tecnológica, mais ainda quando da formação social do indivíduo:

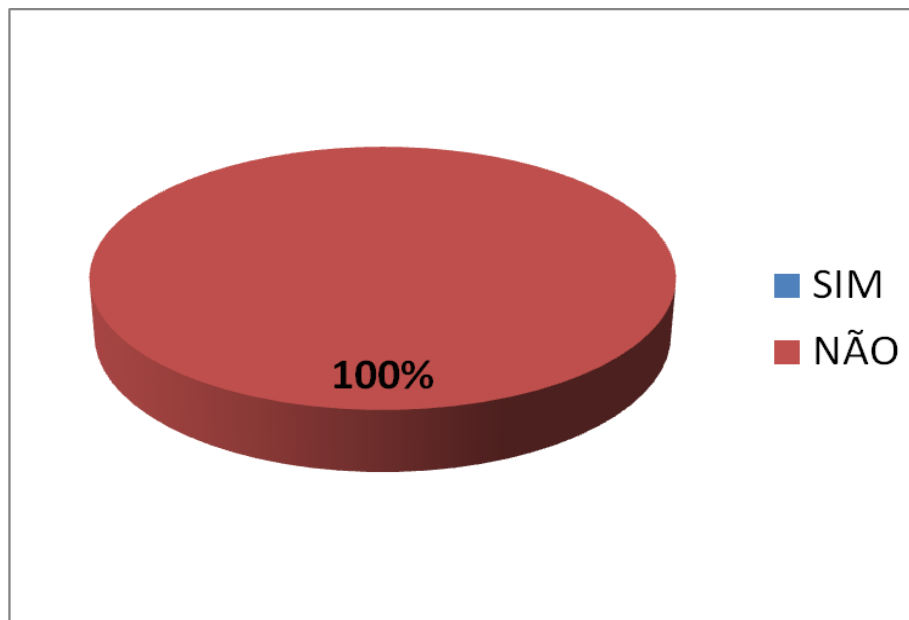
A informação é importante para concretizar uma atitude de forma eficaz, mas é verdade também que não basta, por si mesma, para ensinar valores e atitudes. Fatores culturais importantes determinam a impossibilidade de uma relação direta entre informação e mudança de atitude, e é fundamental considerá-los na prática de ensino e aprendizagem de valores. É necessário atentar para as dimensões culturais que envolvem as práticas sociais. As dimensões culturais não devem ser nunca descartadas ou desqualificadas, pois respondem a padrões relevantes de identificação coletiva e são o ponto de partida para o debate e a reflexão educacional. (Proposta Curricular, 2002, p. 124).

Busca-se um ensino de Ciências que, além da transmissão dos conhecimentos científicos historicamente acumulados pela humanidade, estabeleça análise das relações destes conhecimentos com questões históricas, políticas, sociais e econômicas, tendo em vista que os elementos naturais e culturais fazem parte de um todo dinâmico.

Fazer currículo é fazer poder, portanto, o professor deve estar profundamente envolvido e consciente da dimensão de seu trabalho. O currículo é um instrumento que pode ser utilizado de duas formas antagônicas: em benefício dos estudantes ou do poder, pois o pior currículo pode ficar ótimo na mão de um bom professor e vice-versa, o melhor currículo pode caracterizar retrocesso na mão de um professor despreparado.

6.8 Você utiliza o mesmo recurso didático do ensino regular na EJA?

Figura 03 – Utiliza o mesmo recurso didático do ensino regular na EJA?



Fonte: elaborada pela autora

De acordo com a Figura 03, podemos observar que todos os professores entrevistados não utilizam a mesma proposta curricular do ensino regular ao lecionar na EJA, e sim, metodologia própria da modalidade, sem infantilizar o conteúdo, ou seja, a prática didática deve ser baseada na realidade do sujeito da aprendizagem, levando em consideração suas vivências, sua realidade, sua maneira de ver o mundo.

Deparamo-nos constantemente com os desafios do trabalho nessa modalidade expressos nos altos índices de evasão, na ausência dos estudantes nas aulas, na pouca motivação dos professores, no baixo aproveitamento dos estudantes, nas aulas rotineiras, dentre outros. Desafios que por si mesmos engendram possibilidades de renovação das práticas docentes nessa modalidade de forma a permitir a diferenciação qualitativa dessas práticas na perspectiva de proporcionar não somente o conhecimento e a interpretação do mundo pelos estudantes, mas também sua atuação crítica no contexto em que estão inseridos, perpassando a formação contínua docente.

A aula expositiva é a metodologia de trabalho por excelência, através da qual se procede a uma contínua transmissão de conteúdos “prontos a aprender”, fechados em si mesmos, para serem automaticamente memorizados, repetidos e devolvidos no momento da avaliação.

Diante desse contexto, OLIVEIRA (2001) & MALTA (2005) afirma que o perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno uma vez que este vê seu professor como um modelo a ser seguido. É papel do professor, especialmente do educador que atua nessa modalidade de ensino, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Além do mais, toda a sociedade – incluindo a família – deve-se despir do preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros estigmas que contribuem para agravar os problemas vivenciados pelos alunos da EJA. Nesta abordagem, é imperativo que conheçamos quem são esses jovens e adultos que irão participar desse processo educacional, bem como as suas expectativas e anseios.

6.9 Se a resposta anterior for não, o que você faz de diferente e por quê?

“Como os alunos nem sempre dispõem de livros didáticos distribuídos pelo poder público, todos os anos procuro variar no uso de recurso didático, levando em consideração as particularidades de cada turma”. (Docente 01)

“Há muitas adaptações. Uma delas: não há provas, e sim, atividades contínuas para manter o aluno ativo e minimizar prejuízos na hora da avaliação”. (Docente 02)

“Já tem uns anos que não é oferecido livro didático para os alunos. Com isso, a dificuldade aumenta, pois é importante a visualização de figuras. Levo recortes de revistas ou jornais pra melhorar a absorção do conteúdo”. (Docente 03)

“Pela grande dificuldade de aprendizado dos alunos, minimizo bastante os conteúdos, a linguagem não deve ser infantilizada, deve ser coerente com a vivência individual do aluno adulto”. (Docente 04)

Segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação - DCE, a EJA deve ser uma modalidade de ensino com uma estrutura mais flexível do que as escolas regulares, onde o tempo de aprendizagem de cada aluno é diferenciado, portanto,

deve ser levado em conta, dando-se ênfase ao educando para atender suas necessidades individuais com propostas educativas que garantam o acesso, a permanência e o êxito na escola.

Em qualquer fase da vida escolar, a aquisição de novos conhecimentos deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos. No entanto, em relação aos jovens e adultos, é primordial partir dos conceitos decorrentes de suas vivências, suas interações sociais e sua experiência pessoal. Como detêm conhecimentos amplos e diversificados podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades e propondo alternativas a serem consideradas.

Como a maioria das licenciaturas não prepara para atuar com jovens e adultos, os professores tendem a reproduzir nessas turmas os métodos e conteúdos curriculares do ensino das crianças, até que o acúmulo de experiência e o trabalho coletivo lhes permita construir novos saberes da docência (PEREIRA e FONSECA, 2001; RIBEIRO, 1998). A rotatividade dos professores, que na maior parte dos casos apenas completa suas jornadas de trabalho na EJA, entretanto, torna os esforços de formação em serviço pouco efetivos.

6.10 Os alunos possuem dificuldades em relação aos conteúdos de ciências naturais? Quais?

“Sim. São dificuldades das mais diversas naturezas, tais como: dificuldade de concentração, dificuldade de compreensão, dificuldade de leitura, dificuldade de escrita, dificuldade de organização das ideias, dificuldade de expressão oral, dentre outras”. (Docente 01)

“Todos estão ali por dificuldades em relação aos conteúdos curriculares. A maioria não conhece as quatro operações matemáticas, não possuem senso de lógica, caligrafia ruim, enormidade de erros ortográficos e de coesão”. (Docente 02)

“Sim, muita dificuldade. Começa com a leitura, muitos não sabem ler e escrever. O conteúdo de Ciências é trabalhado com muito diálogo e a vivência do dia a dia do aluno”. (Docente 03)

“Bastante. Primeiramente a grande maioria lê e escreve muito mal. Seria melhor transmitir o conteúdo com algumas práticas de laboratório, creio que conseguiriam entender melhor”.
(Docente 04)

Ao trabalhar com jovens e adultos, o educador deverá ter a humildade de aceitar os conhecimentos já adquiridos por eles e tolerância para saber articular tais conhecimentos com os que pretende fazê-los adquirir; conseqüentemente, os jovens e adultos terão mais facilidade em aprender se o que estiver sendo ensinado estiver articulado com sua vivência, quando houver a junção entre o conhecimento erudito e a experiência do cotidiano.

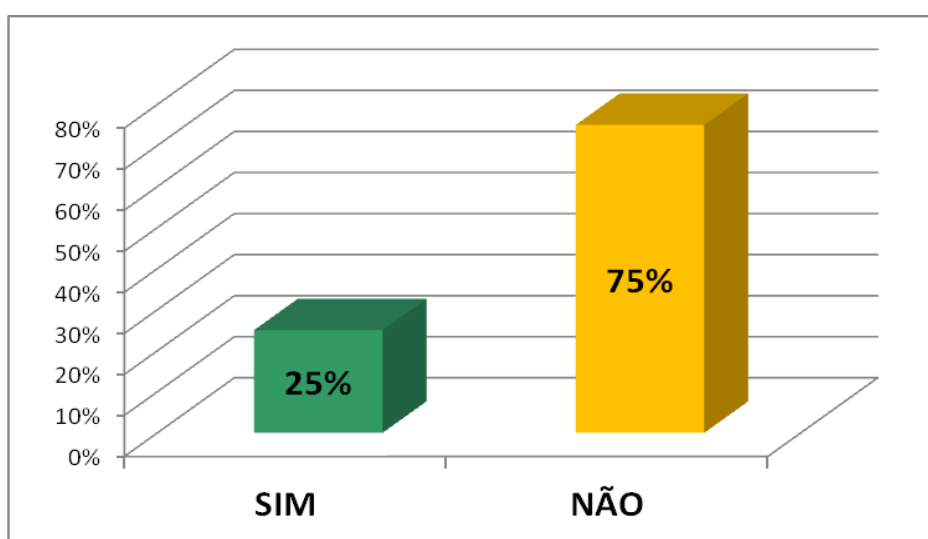
A Educação de Jovens e Adultos não pode ser uma sobrecarga que os alunos devem carregar; precisa sim, ser um apoio e um incentivo para melhoria de suas vidas. Para tanto, é função do educador, buscar formas de intervenção e transformação da realidade, problematizando-a, através de uma relação de diálogo constante com o educando.

Faz-se necessário insistir, persistir, pois tudo que é feito/realizado em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação.

6.11 Você pratica experimentos de ciências em sala de aula?

O desenvolvimento de aulas práticas é uma importante ferramenta no ensino de Ciências para os alunos jovens e adultos. A vivência da experimentação facilita a fixação do conteúdo a ela relacionado, porém, esse recurso é pouco utilizado como podemos observar na Figura 04, onde somente 01 (um) professor, ou seja, 25% dos entrevistados realizam experimentos em sala de aula.

Figura 04 – Utiliza experimentos de ciências em sala de aula?



Fonte: elaborada pela autora

6.12 Se a resposta anterior for não, justifique.

O professor 03 fora o único com resposta SIM. Os demais justificaram.

“Primeiramente, a secretaria de educação não disponibiliza meios para que a escola o faça. O professor é que teria que dispor de materiais para essas práticas”. (Docente 01)

“A escola, por intermédio da secretaria de educação não disponibiliza meios para a prática em sala de aula”. (Docente 02)

“Não há livros didáticos para isso. Estou providenciando a aquisição, pois acredito que facilitará no processo ensino - aprendizagem”. (Docente 04)

A experimentação nas aulas de Ciências é uma forma de aguçar o olhar dos alunos para a investigação científica e, mais do que isso, engajá-los nas aulas. Um olhar novo, o estudo da teoria por trás da experimentação em ciências. Essas aulas são excelentes espaços para se trabalhar a investigação, a curiosidade, a colaboração, o trabalho em grupo e também o desenvolvimento de habilidades. (LIMA, 2018)

A vantagem da experimentação no ensino de Ciências é justamente podermos visualizar o fenômeno real, é bem mais interessante do que aprender com desenhos e esquemas na lousa. Além disso, essas propostas de atividade prática colocam o aluno em um papel mais ativo, o que é o grande objetivo das experimentações, fazer com que o aluno coloque a mão na massa, ou seja, que ele tenha uma participação ativa e não receba tudo pronto. Ressaltando que esses experimentos podem ser facilmente realizados com materiais simples e alternativos (copos plásticos, garrafas pet, etc.) e substâncias comuns no nosso dia a dia como: óleo, água, vinagre, palha de aço, dentre outros.

A aula prática pode ser uma ferramenta valiosa para se iniciar um conteúdo, despertando a curiosidade dos alunos sobre determinado tema. Uma grande oportunidade de verificar em prática, algum conceito visto em sala de aula de forma abstrata. Utilizar esse experimento para uma realidade próxima do aluno. Estes também costumam atribuir à experimentação um caráter motivador, lúdico, essencialmente vinculado aos sentidos.

Uma experiência é algo que pode ter relação com o que o aluno aprende nas aulas de Ciências, mas não apenas com um único experimento, já que compreende um conjunto mais amplo de vivências. São os experimentos que ajudam a fixar ou verificar um conceito que foi abordado em uma aula teórica. Eles são necessários, muitas vezes, porque o fenômeno observado é muito complexo para o aluno compreender por meio de investigação. As atividades práticas que levam o aluno a compreender fenômenos pela observação e pelo questionamento. (LIMA, 2018)

Quando se está desenvolvendo um experimento é importante ressaltar a comunicação, trabalhar bastante essa questão para que os alunos possam participar

efetivamente, levantar hipóteses. Para que eles não se sintam bloqueados. Desenvolvendo-se assim, uma comunicação efetiva, que incentive a investigação, a curiosidade e sua criatividade.

6.13 Você utiliza alguma estratégia metodológica para superar as dificuldades dos alunos?

“Embora não haja uma fórmula mágica nem uma varinha de condão para produzir resultados positivos e animadores diante da vastidão de problemas constatados na Educação de Jovens e Adultos, tenho procurado socializar com os meus alunos a minha própria experiência ao longo da vida escolar: falo sobre as dificuldades que tive em aprender cada lição e cada novo conteúdo; falo da sede que tinha em aprender; falo da necessidade imperiosa que temos em ter que superar os problemas para seguir adiante; falo do valor que tem cada coisa; falo do gosto das conquistas por meio dos estudos; enfim, procuro motivar os alunos a não desistirem de estudar e acreditarem que são capazes de aprender qualquer conteúdo, por mais difícil que se afigure, porque somente persistindo, eles irão conseguir vencer os obstáculos e, consequentemente, realizar os sonhos que os movem”. (Docente 01)

“Minhas aulas são acompanhadas de vídeos e slides, quando há recursos. Infelizmente, não há livros para acompanhar as aulas, assim como, material escolar disponível, por exemplo, trabalho com colagens”. (Docente 02)

“Conto histórias reais de cientistas, ou do passado, ou da atualidade. Coloco experiências do dia a dia das pessoas”. (Docente 03)

“Acredito que com a simplicidade de exercícios eles conseguem superar as dificuldades dos conteúdos”. (Docente 04)

O professor da EJA deve motivar seus estudantes já que muitos deles vêm para a escola cansados e desestimulados. Como forma de estratégia didática, deve existir um processo de construção do sujeito, [aquilo que Paulo Freire falava lá no começo] dar espaço para que esse sujeito seja o protagonista em sala de aula, ele tem muito a ensinar. Provocar o interesse desses discentes, pode-se por exemplo, partir de situações concretas da vida dos educandos e não de aspectos mais abstratos que dificultam o diálogo entre os conhecimentos prévios e os escolares.

Outra forma de estudar os conteúdos de Ciências, trabalhando a lógica e a linguagem próprias da disciplina, é trazer notícias de descobertas recentes veiculadas na mídia para debate em sala de aula. Estratégias dessa natureza devem ajudar o aluno a perceber o caráter dinâmico do conhecimento científico, bem como a importância de se comprovar as ideias por meio de experimentação e observação direta. (LIMA, 2018)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos, pôde-se perceber que a educação de jovens e adultos encontra-se diante de antigos e novos desafios para melhorar a sua qualidade como um todo, dentro desses desafios, está a formação de professores para atuar nesta modalidade de ensino.

Ao refletirmos sobre a formação inicial do professor nos damos conta de inúmeras dificuldades ele deverá atravessar ao se deparar com as particularidades da Educação de Jovens e Adultos. Muito embora saibamos que ele tenha feito algumas qualificações de docência, ainda assim, há necessidade de uma formação voltada a essa modalidade de ensino em razão da subjetividade que seus alunos têm. São jovens e adultos que possuem pouco domínio na escrita e leitura, dificuldade de compreensão e absorção dos conteúdos. Estes alunos deixaram de estudar há muito tempo e existe um natural bloqueio em voltar à escola. Os jovens e adultos precisam de estímulos, cuidados e acolhimento. Tornar a escola atrativa a esse sujeito é essencial, pois o maior interesse é que ele permaneça em sala de aula.

Diante do dinamismo da função docente, nos deparamos com novas situações em sala de aula, as quais nos levam a procura de novos recursos para uma intervenção mais eficiente junto ao aluno. Temos consciência também que, em se tratando de educação, a formação estará sempre incompleta e sempre estará ao lado de quem lida com o conhecimento. No exercício da função docente o professor deverá estar sempre se atualizando tanto na aquisição de novos conhecimentos quanto na ação didática, e um importante instrumento dessa atualização é, com certeza, a formação continuada.

Na realização desta pesquisa, acompanhei a aula de um dos professores entrevistados com a finalidade de observar o comportamento dos jovens e adultos. A sala de aula bastante heterogênea, com alunos entre 18 e 42 anos de idade, alguns repetentes e outros que não frequentavam a sala de aula há alguns anos. Percebi o grande interesse dos alunos pela aula por se tratar de uma experimentação. A aula transcorreu de forma bastante proveitosa, pois se notou grande interesse e curiosidade por parte dos estudantes e o papel ativo destes sujeitos, os mesmos já estão habituados em praticar experimentos. Isso fez reforçar que com as aulas práticas o aluno aprende mais facilmente e tem uma visão mais clara do conteúdo abordado.

Porém, ao questionarmos se o professor realiza experimentos em sala de aula, somente 01 (um) respondeu positivamente. Os relatos são de que a escola não disponibiliza recursos, não há interesse da secretaria de educação, não há laboratório na escola e nem há livros didáticos para a prática de experimentos.

Nessa visita à escola pesquisada, percebi também outro ponto a ser considerado: observei salas de aulas vazias e alunos dispersos nos corredores e pátio. Os professores haviam liberado os alunos para realizarem atividades em casa. Notei certo desinteresse por parte do docente, infelizmente. Um aluno relatou que os professores também se ausentam com frequência. Como manter o aluno na escola se o próprio docente se ausenta? Em conversa com o professor da pesquisa, o mesmo relatou que ainda há muita evasão escolar, no início do ano letivo sua turma era composta de 18 alunos, atualmente, somente 12 em média frequentam a sala de aula regularmente.

Observa-se que compromisso, entusiasmo e competência são ingredientes necessários às equipes pedagógicas em qualquer modalidade do ensino, mas o impacto de sua atuação depende em grande medida das condições em que realizam o trabalho educativo. Instalações físicas e financiamento adequados, valorização dos profissionais e assistência aos estudantes com alimentação, transporte e material são pré-requisitos para uma EJA mais relevante. Apesar de óbvias, essas condições merecem atenção, tendo em vista a precariedade de alguns serviços educativos.

Quando questionamos os professores a respeito da formação para trabalhar na EJA, se ele se sente preparado para atuar na modalidade, notamos que ainda falta muita qualificação, embora tenham adquirido experiência com a prática docente, tem um caminho longo a ser percorrido pela frente. Alguns professores reconhecem parte dessa “culpa” em não buscar mais conhecimentos para trabalhar com jovens e adultos, porém, admitem não haver tempo para se dedicar à qualificação, pois todos trabalham os três turnos. E a valorização profissional? Como o professor vai se capacitar se é mal remunerado?

Com base no exposto, é evidente, repensar a atuação do docente além do exercício da sala de aula, além das burocracias de preenchimento de fichas, entre outros tantos afins. Todavia, é preciso, certamente, que a formação continuada seja vista como uma etapa inerente à prática docente, visando à melhoria do ensino e o rompimento de uma visão de mundo estagnada. Porque, ser professor, é muito mais que ser apenas um profissional do ensino, mas é também ser especialista em realização política.

É necessário reafirmar que alfabetizar e escolarizar os jovens e os adultos não é um processo fácil e aleatório, nem um processo que deve ficar só no plano do discurso político. Alfabetizar e escolarizar hoje, mais do que nunca, significa ter como suporte uma análise político-crítica da realidade, mas também ter uma preocupação com a ressocialização do trabalhador. Trabalhar com ele as habilidades da leitura, da escrita e do cálculo e a utilização permanente desses conhecimentos.

Ser professor significa contribuir para a formação de cidadãos, portanto, o docente faz a diferença.

Recomendamos que sejam ofertados cursos regulares de capacitação para os profissionais atuantes nas classes da EJA, para que os mesmos possam refletir sobre sua prática e criar estratégias para modificar essa prática, muitas vezes descontextualizada de seu público alvo. Lamentamos, ainda, que nem todos os professores manifestem seu interesse em participar dessa formação continuada, já que é oferecida a todos.

É importante ressaltar que pretende-se dar continuidade a esta pesquisa trabalhando-se com a visão dos jovens e adultos, analisando-se suas perspectivas e suas necessidades perante o aprendizado.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BEHRENS, M. A. **Formação continuada de professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Lei nº 9394/96. LDB – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos – PROEJA**. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais e Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

CALÇABE, Paula. **Projeto coloca em prática legado de Paulo Freire, 2018**. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/11859/projeto-coloca-em-pratica-legado-de-paulo-freire>>. Acesso em 17 de jun. 2018

DRIVER, R.; ASOKO, H.; LEACH, J.; MORTIMER, E. e SCOTT, P. Constructing scientific knowledge in the classroom. *Educational Researcher*, n. 7, p. 5-12, 1994. Tradução de MORTIMER, E. **Construindo conhecimento científico em sala de aula**. Química Nova na Escola, n. 9, p. 31-40, 1999.

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente**. Lisboa: Porto, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

HADDAD, S. **A educação continuada e as políticas públicas no Brasil**. In: V. M. Ribeiro (Org.). Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2001

JOVENS E ADULTOS. Desafios de quem fez a escola para eles (e com eles). Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8093/jovens-e-adultos>. Acesso em 15 maio 2018.

KNOWLES, Malcolm S. **O aluno adulto. Uma espécie negligenciada**. 4ª ed. Houston: Gulf Publishing. 1973.

LEAL, Laís Sonnara Alves. **O Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Fundamental 04 de Planaltina – DF**. Universidade de Brasília. Faculdade UNB Planaltina: 2012

LIMA, Leandro H. Fernandes de. **A experimentação nas aulas de Ciências**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/cursos/a-experimentacao-nas-aulas-de-ciencias/>>. Acesso em: 17 de maio 2018.

MALTA, A. A. **A Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: a emergência de diferentes saberes na re-significação de práticas escolares**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 set. 2005.

NUNES, Cely do Socorro Costa. **Os sentidos da formação continuada de professores**. O mundo do trabalho e a formação de professores no Brasil. 2000. 152 f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, M. K. de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In V. M. Ribeiro (Org.). Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2001

Parecer CNE/CEB n.11. Analisa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE). Brasília. 2000

PEREIRA, J. E. D.; FONSECA, M. C. F. R. **Identidade Docente e Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Porto Alegre, Educação & Realidade, vol. 6, n. 2, p. 51-73, jul./dez. 2001.

PEREZ, C. L. V., SAMPAIO, C. S. **A pré-escola em Angra dos Reis: tecendo um projeto de educação infantil**. En R. L. Garcia. A formação da professora alfabetizadora: reflexão sobre prática (4a ed.). São Paulo: Cortez, 2003

PÉREZ - GÓMEZ, A. O pensamento Prático do Professor — **A formação do professor como profissional reflexivo**. In: António Nóvoa (Ed.), Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

PIERRO, Maria Clara DI. **Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7898/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em 15 maio 2018.

Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos - **segundo segmento do Ensino Fundamental - 5a a 8a série - Matemática, Ciências, Arte, Educação Física** (Vol. 03). Brasília: MEC, 2002.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (coord). **Educação para Jovens e adultos do ensino fundamental**: proposta curricular 1º segmento. São Paulo. Ação Educativa: Brasília: MEC, 1998.

ANEXO 01

Questionário

Identificação:

Nome:

Cargo/Função:

Formação:

Escola(s) em que exerce sua função atualmente e série na EJA:

Perguntas:

1. Comente a respeito da sua trajetória docente.
2. Qual a sua visão a respeito da EJA e da docência na mesma?
3. Qual o seu tempo de docência? E este tempo na Educação de Jovens e Adultos?
4. Possui alguma formação nessa área?
5. Como se tornou professor (a) da Educação de Jovens e Adultos?
6. Você se sente preparado?
7. Você considera a formação do professor importante para a prática na educação de jovens e adultos?
8. Como trabalham os conteúdos curriculares com os alunos da EJA? Há alguma adequação desses conteúdos?
9. Você utiliza o mesmo recurso didático do ensino regular na EJA?
10. Se a resposta anterior for não, o que você faz de diferente e por quê?
11. Os alunos possuem dificuldades em relação aos conteúdos de ciências naturais? Quais?
12. Você pratica experimentos de ciências em sala de aula?
13. Se a resposta anterior for não, justifique.
14. Você utiliza alguma estratégia metodológica para superar as dificuldades dos alunos?

Professor (a)

Obrigado pela sua participação e colaboração!